

Processos empíricos da organização e identificação de fotos: um relato da vivência diária do profissional da imagem

Sergio Ranalli

Como citar: RANALLI, S. Processos empíricos da organização e identificação de fotos: um relato da vivência diária do profissional da imagem *In* : MADIO, T. C. C.; MACHADO, B. H.; BIZELLO, M. L.(org.). **Desafios na identificação e organização de fotografia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 349-356 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-277-2.p349-356>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PROCESSOS EMPÍRICOS DA ORGANIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE FOTOS: UM RELATO DA VIVÊNCIA DIÁRIA DO PROFISSIONAL DA IMAGEM

*Sergio RANALLI*¹

Num átimo de segundo, um fotógrafo tem que organizar e significar em um pequeno retângulo toda a complexidade de elementos da realidade posta. São expressões, movimentos, emoções, linhas, curvas, uma profusão de dados entrelaçados em luz. Quando tudo isso passa a fazer sentido, cabe ao profissional escolher apenas um caminho entre os milhares de rumos permitidos pela técnica fotográfica. Tudo isso, por vezes, em situações adversas e sob pressão. É o que buscamos quando escolhemos ser fotógrafos.

A pré-produção e a pós-produção, sem o glamour e a adrenalina do ato fotográfico, costumam ser enfadonhas para a maioria dos profissionais. São nesses momentos que a organização e a identificação do acervo se tornam um desafio. Criar processos de armazenagem e indexação e segui-

¹ Fotojornalista, teve fotos publicadas nos principais veículos de comunicação do País. Destacou-se em duas edições do Prêmio Porto Seguro obtendo o primeiro lugar na Categoria São Paulo, em 2002, e Menção Especial na categoria Pesquisas Contemporâneas, em 2001. Disponível em: <https://www.galeriachroma.com.br/artistas/artista/sergio-ranalli>.

los com disciplina são imperativos para a viabilidade do acervo a longo prazo. No início de carreira, com poucas imagens e diversidade de pauta, é comum fiar à memória a responsabilidade pelas informações, as quais, invariavelmente, se perdem ou ficam incompletas.

Quem remonta da era analógica na fotografia e não adotava critérios rígidos de indexação sofre hoje para conseguir viabilizar informações completas e confiáveis no acervo. Por experiência, com a própria produção e observando acervos, principalmente de jornais menores sem departamentos de indexação responsáveis por garantir a fidedignidade e qualidade das informações, notamos que ficava a cargo dos fotógrafos anteriores à digitalização redigir os dados. Isso era feito no verso das fotos impressas, nos envelopes de arquivamento de negativos, ou, mais crítico ainda, nos cromos (slides), que tem um diminuto espaço na moldura para identificação.

O resultado é que qualquer tentativa de resgate dessas imagens demanda exorbitantes investimentos em pesquisa, entretanto, mesmo com o esforço empregado, não é possível salvar parte considerável dos acervos. Muitas fotos ficam perdidas no limbo da desinformação.

FOTOGRAFIA DIGITAL

A fotografia digital incorporou vantagens importantes nos processos de indexação, no entanto novos desafios foram impostos. A ausência de custos de filmes e revelações aumentou exponencialmente o número de imagens produzidas. Pautas que antes eram resolvidas em uma ou poucas dezenas de cliques, hoje são centenas, por vezes milhares de imagens em coberturas prosaicas. Volumes de fotos que anteriormente eram vistos somente em jornais, agências e banco de imagens agora são encontrados em acervos pessoais de fotógrafos.

Lidar com essa profusão de fotos obriga profissionais de imagem a desenvolver estratégias de organização e identificação. Sem formação técnica e conceitual em biblioteconomia e arquivologia, refugiam-se no empirismo e na intuição para administrar a produção.

ARQUIVOS E BACKUPS

A primeira preocupação é com o armazenamento das imagens. O ideal é que se faça três *backups*, sempre acompanhando a evolução das tecnologias de armazenamento e migrando de meio quando o anterior começa a entrar em processo de obsolescência. Foi o que aconteceu com profissionais que tinham a guarda do material em cd's e dvd's e hoje se veem obrigados a fazer a transição dessas fotos. A falta de atenção nesse quesito pode até impedir o acesso e reprodutibilidade futura das imagens.

Quando se trata de armazenar, os serviços de nuvem entraram no radar do fotógrafo. Além de já contar com os *backups* dos servidores contratados, a possibilidade de acesso remoto é um facilitador. Contudo, o grande volume de imagens produzidas, tanto em número como em volume de espaço ocupado, ainda torna caro o acesso total a esse sistema. Sendo uma solução a guarda de material pré-editado em nuvem. Deixando a disponibilidade total das fotos nos meios convencionais de *backup*. Há uma máxima quando discutimos *backup*: nenhuma opção é 100% segura, portanto, a redundância é a única garantia.

A estrutura e padrões bem definidos de diretórios e nomes de arquivo é fundamental para a manutenção do acervo. Outro fator relevante é a escolha do tipo de arquivo de imagem que será armazenado a longo prazo, a escolha de arquivos originais, sem compactação ou alterações se faz necessária, visto que nem sempre há a previsibilidade dos tipos de utilização futura. Hoje, um profissional que atua produzindo para bancos de imagens voltados à produção de materiais didáticos, deve ter em mente a possibilidade futura de as imagens, por exemplo, serem disponibilizadas para impressões em *fine art*, que exigem outras formas de tratamento e resolução das fotos. Garantir maior latitude possível dos arquivos proporciona a multiplicidade de usos futuros.

No sistema de arquivamento das fotos, particularmente utilizo uma formatação básica e funcional. Começo criando um diretório, com o ano de produção das fotos como base da raiz de diretórios, depois outra pasta para o mês, dia, assunto tratado na pauta e, finalmente, as últimas segmentações serão as pastas “originais”, “pré-editadas” e “editadas”. Já o

nome dos arquivos tem a formatação básica no formato “dia_mês_ano_ assunto_numeração”, que garante informações importantes somente no nome da foto. Demonstramos abaixo:

Sistema de arquivamento de pautas

Estrutura de diretórios e subdiretórios:

Ano/Mês/Dia/Assunto

Exemplo: 2021/03/10/Colheitadesoja/originais

2021/03/10/Colheitadesoja/pré_editadas

2021/03/10/Colheitadesoja/editadas

Nome dos arquivos:

Dia_mês_ano_ assunto_numeração

Exemplo: 10_03_2021_colheitadesoja_001

Tipo de arquivo:

Todos os arquivos salvos em formato RAW

Armazenamento:

Três backups em HD externo da totalidade das fotos produzidas

Nuvem:

Conteúdo editado (em média 10% das imagens produzidas)

Arquivos tratados e exportados em TIF

PERENIDADE, RELEVÂNCIA E VALOR COMERCIAL DO ACERVO

“Uma imagem vale mais que mil palavras.” Essa frase, atribuída ao filósofo e pensador chinês Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.), ronda o pensamento dos fotógrafos. A crença no poder da imagem pela imagem subestima, num primeiro momento, a importância da indexação de fotos.

É preciso prever um tempo para pós-produção, garantir a inserção do maior número possível de informações em cada imagem. Zelo capaz de perpetuar a relevância e incorporar valor comercial aos acervos particulares. Qual a utilidade de uma foto que não pode ser encontrada ou que não pode ser vista? Que não pode ser comprada ou exposta? Perguntas que devem permear a postura de fotógrafo diante da indexação e organização de seu acervo. Negligenciar infos e *tags* é condenar à morte uma produção vasta. É transformar HD's em remansos de boas imagens.

A fotografia digital incorporou muitos facilitadores ao processo de criação e leitura de metadados. Um dos principais é o Exif (*Exchangeable image file format*), que nada mais é que etiquetas de metadados desenvolvidas pela JEIDA (Japan Electronic Industries *Development Association*). Essa especificação é seguida por fabricantes de câmeras digitais, gravando dados técnicos da captura da imagem que são incorporados aos arquivos de fotos.

Informações infundáveis já são nativas das fotos digitais. O Exif nos fornece data, hora, resolução, velocidade do obturador, abertura da lente, lente utilizada, ISO, câmera utilizada, distância focal, utilização ou não de flash, entre outros dados acumulados. Além da etiquetagem de *copyright*, quando configurada pelo fotógrafo. Mas quando pensamos na eficiência da indexação do acervo, a “geoetiquetagem” é fundamental. Modelos mais novos de câmeras profissionais, e até mesmo celulares, possuem GPS incorporado, permitindo que as imagens produzidas contenham as informações de latitude e longitude.

Com o Exif garantindo uma descrição técnica da imagem, cabe ao recurso do IPTC (*International Press Telecommunications Council*), que possibilita a edição de metadados sobre o arquivo, a anexação das informações mais relevantes do acervo. Uma compilação e tradução de informações visuais da imagem, além de referências sobre personagens e autorizações. Hoje é possível afirmar que todos os softwares utilizados por fotógrafos permitem o preenchimento dessas etiquetas que serão agregados à imagem. Entretanto a preocupação do profissional é concentrar em ter as seguintes repostas das imagens produzidas:

Assunto:

Personagem:

Contato personagem:

Autorização de uso de imagem:

não tem assinada gravada em vídeo

autorizado para uso publicitário e editorial

autorizado para uso editorial

Restrição : _____

Nome e localização do arquivo com a autorização: _____

Data:

Local:

Tags:

Imagem “Geo Etiquetada”

Com essas informações em mãos, cabe ao profissional escolher os *softwares* e rotinas de preenchimento mais adequados. Há muita discussão sobre métodos de preenchimento e meios para realização, contudo o foco do profissional é ter os metadados. A obviedade da afirmação contrasta com a prática de muitos fotógrafos.

A fluência de dados começa com um estudo do tema e o planejamento minucioso da pauta. Saber de antemão os objetivos e com quais elementos irá deparar, são fundamentais, não somente para produção de fotos e vídeos de qualidade, mas para posterior identificação detalhada do material. Lembrando que nem tudo numa cobertura é previsto. Quando uma situação nova se perfaz, a busca de dados *in loco* é sempre mais rápida e eficaz do que postergar a identificação para outro momento.

O ineditismo e a especificidade de algumas cenas e situações são tantas que nem mesmo horas em mecanismos de busca nos trazem informações confiáveis. Por tanto, sempre que possível, sair do local fotografado com toda sorte de dados. No entanto é responsabilidade do

fotógrafo sempre checar as informações em múltiplas fontes, conduta que assegura a credibilidade das imagens. Visto que informações equivocadas podem gerar sérias consequências para o profissional e seus clientes.

O VASTO MUNDO DOS DESCRITORES

Todavia, quando a questão é a velocidade de acesso às imagens, a correta utilização das tags é prioritária. Conhecer os mercados em que atua e antecipar tendências para novas utilizações do acervo aumentam sobremaneira a assertividade na escolha dos descritores.

Como exemplo: um profissional que trabalha com fotojornalismo e produção para bancos de imagens também tem de pensar em escolhas de descritores subjetivos que possam atender mercados de fotos para decoração e impressões *fine art*. A percepção do potencial de cada foto ou vídeo define as escolhas corretas de tag. Há um estímulo para utilização excessiva de descritores, mas a racionalidade das escolhas melhora o retorno e evita ruídos nas buscas.

Isso quando observamos o espectro do acervo pessoal. Já quando a intenção é inserir o material em bancos de imagens, um estudo aprofundado sobre o público de cada empresa melhora substancialmente o retorno com uso de expressões e terminologias específicas para o consumidor alvo.

A leitura de uma foto, no que tange a inserção de tags, varia para uma agência de notícias, um banco de imagens voltado a produção de material e livros didáticos, um banco de imagem convencional e um banco *microstock* (também conhecida como fotografia com micropagamento). Nesse último, todo comedimento e racionalidade na seleção das tags dá lugar a uma enxurrada de termos que objetivam a foto ser encontrada e comprada em meio a milhões de imagens concorrentes sobre o mesmo tema. Enfim, quem busca regras claras e inflexíveis na condução do acervo esbarra num mercado dinâmico e prolífico, no qual a revisão e adequação de métodos garante a atemporalidade do arquivo.

Edição e Pré-Edição

Já discutida nesse texto, a tecnologia aumentou exponencialmente a quantidade de imagens produzidas. Nesse campo, a pré-edição e edição das fotos é fator preponderante. Apesar de defender a guarda total das imagens, considero razoável sempre passar toda a produção por uma filtragem, assegurando uma relação coerente entre número de fotos versus importância da pauta.

No processo de pré-edição, o profissional já deve levar em consideração os diversos meios de atuação profissional e segmentar quais fotos ou vídeos serão direcionados para quais mercados. Já a edição final consiste na última etapa, com o material enxuto e com os tratamentos de imagem adequados. Ressaltando que, nesses processos, todo o material já estará com as informações anexas, que são sempre inseridas nas fotos originais logo após a guarda do material. Também é necessário redobrar a atenção com os *backups*, pois todas as cópias de segurança já devem estar com os metadados colocados.

Quando a última etapa está concluída, todo material de edição e pré-edição devem, se disponível para o fotógrafo, seguir para uma nuvem. O volume em quantidade de fotos e espaço exigido costuma representar algo entre 20% e 25% se comparado aos arquivos brutos.

Vale enfatizar que, ao longo do tempo, com o aumento contínuo de repertório, desenvolvimento e maturação da linguagem fotográfica e com o distanciamento do tema fotografado, é usual que processo de edição seja dinâmico. Fotos que num primeiro momento foram ignoradas, podem voltar como prioritárias em edições futuras. Reservar um tempo e adotar uma rotina de revisitação de fotos já produzidas é salutar para manutenção de um acervo sempre coerente com as atuais perspectivas do profissional.

Por fim, padronizar os métodos de arquivamento e indexação das fotos e vídeos produzidos e segui-los com rigor garantem a viabilidade e visibilidade do acervo. Preservando a relevância histórica e ou artística e maximizando as possibilidades comerciais. Um inventário detalhado da metodologia criada e utilizada pelo profissional de imagem possibilita o manuseio por terceiros, que por consequência salvaguardam a perenidade do acervo.